

## O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO PERIÓDICO IMPRESSO EM FONTE DE PESQUISA

Dayane Cristina Guarnieri\*

O objetivo do texto é refletir sobre as potencialidades em se utilizar os periódicos da grande imprensa para abordar a História da Educação brasileira. Para isso o texto faz uma reflexão sobre o lugar social de um periódico diário, e se constrói as habilidades para desconstruir as informações e ideias seriais, produzidas por esses veículos de comunicação de massa e transformá-los em fonte de pesquisa.

A década de 1950 é apontada pela historiografia como o momento de grandes transformações para o jornalismo, cuja característica principal se encontra, no discurso que se respalda em conceitos como *modernidade*, *objetividade* e *neutralidade* que faziam parte do que Barbosa (2006) chama de a “mítica da objetividade”, na qual o jornalismo é o único capaz de ler o mundo e transmiti-lo de forma fidedigna aos leitores. Esses pressupostos surgem para inaugurar um novo jornalismo, que já estava se delineando esporadicamente em décadas anteriores e que encontra a partir deste momento um ambiente propício para se disseminar.

Contraditoriamente, em 1960 a imprensa vive um forte jornalismo político, com atitudes de engajamento por parte da sociedade, defendiam interesses ideológicos dos partidos, a imprensa tinha uma concepção missionária. Ao longo dessa década a imprensa brasileira transforma sua linguagem, frisando que a notícia passa a ocupar mais espaço do que a opinião (ABREU, 2006, p. 108,109).

Junto com a ampliação da rede bancária e a efervescência cultural em 1960 - movimentos artísticos que viam os EUA como um padrão de vida desejável - os periódicos norte-americanos se tornam “um modelo a ser seguido pelo jornalismo brasileiro na elaboração dos textos, na paginação e na distribuição da matéria, assim como na administração e na gestão comercial das empresas”. É nesse contexto que aparecem as reformas redacionais e gráficas do *Jornal do Brasil*, *Diário Carioca* e *Tribuna da Imprensa* (RIBEIRO, 2008).

*A transformação da imprensa em negócio de grandes proporções, em empresas, e, paralelamente, o desenvolvimento, complexidade e encarecimento de suas técnicas, demandando grandes investimentos e acompanhando o desenvolvimento qualitativo e quantitativo do público, mostra como a proteção contra a censura perdeu o interesse*

---

\* Universidade Estadual de Londrina, doutoranda em Educação, instituição de fomento CAPES.

*antigo, embora não tenha este desaparecido; as grandes empresas jornalísticas, no essencial, se autocensuram (SODRÉ, 1966, p.468).*

Quando os periódicos incorporam as novas técnicas e perseguem o ideal de modernidade, pretendem ser o “espelho da realidade”. O “campo jornalístico transforma-se numa comunidade discursiva própria que criou as condições de sua eficácia” (RIBEIRO, 2003, p.149).

*Reformar os jornais afiná-los aos padrões norte-americanos, ainda que apenas retoricamente, significa inseri-los formalmente na “modernidade”. No contexto da década de 1950-1960, significava conferir ao campo jornalístico um capital simbólico sem precedentes, significava fazer do seu discurso “uma fala autorizada” e transformar a imprensa em um ator social reconhecido. (RIBEIRO, 2003, p.158)*

Mas é importante ressaltar que 1950-1960 apesar das inovações técnicas e financeiras que visavam transformar sua aparência, suas práticas ainda está fortemente relacionada com o jornalismo político partidário, mas realmente a imprensa brasileira estava em processo de mudança sua linguagem já não era tão clara, pois a intenção era transmitir a imagem informativa e dominar o espaço da opinião.

*Os jornais ao priorizarem, a partir daí, um conteúdo enfeitado pela ideia de imparcialidade contida nos parâmetros da lide e na edição, no qual o corpo de copy-desck ganha destaque, e ao promoverem a padronização da linguagem, constroem para a imprensa o espaço da neutralidade absoluta. Com isso, passam a ter o reconhecimento do público como lugares emblemáticos para a difusão da informação, ainda que a carga opinativa não tenha sido alijada das publicações (BARBOSA, 2006, p.224)*

Kushnir (2007, p. 28) afirma que as empresas jornalísticas eram empresas familiares e destaca que os quatro principais jornais do eixo Rio/São Paulo eram: *Jornal do Brasil*, *Globo*, *Folha de S. Paulo*, e *O Estado de São Paulo*. Ribeiro (2003) também concorda com o apontamento acima e resalta que os jornais mais importantes do Brasil eram dinastias, adjetivo que impediu que o campo jornalístico adquirisse autonomia, pois na gestão conviviam o racional e o personalista. Assim também “o apoio a determinados grupos ou do Estado ainda era essencial para garantir a sobrevivência de algumas empresas, através de créditos, empréstimos, incentivos fiscais ou mesmo publicidade” (RIBEIRO, 2003).

Ribeiro (2003) afirma que em meio as falas da imprensa que ressaltam a sua desvinculação personalista e opinativa em prol da neutralidade como meta alcançada na década de 1960, a realidade é que a maioria dos jornais ainda pertencem a famílias e continuam a defender seus interesses por sobrevivência, ou seja, a buscar apoio dos proprietários anunciantes e do poder do Estado.

A autora aborda que a busca pelo jornalismo brasileiro um modelo informativo e objetivo, não impediu os jornais de exercer uma função nitidamente política. “Não apenas no sentido em que expressavam posicionamentos e opiniões, mas no sentido em que intervinham diretamente na condução dos acontecimentos” (RIBEIRO, 2003)

Ela afirma que apesar desse momento de modernização técnica da imprensa e da transição da imprensa jornalística artesanal para a empresarial, os periódicos continuavam a conferir prioridade a interesses políticos em detrimentos do aspecto empresarial. “O processo de modernização apontava para uma autonomização do campo jornalístico, mas a sua autonomia total não era possível”.

*Reformar os jornais, afiná-los aos padrões norte-americanos, ainda que apenas retoricamente, significava inseri-los formalmente na “modernidade”. No contexto dos anos 50-60, significava conferir ao campo jornalístico um capital simbólico sem precedentes, significava fazer do seu discurso uma “fala autorizada” e transformar a imprensa em um ator social reconhecido. (RIBEIRO, 2003, p.1)*

Barbosa (2007, p.150) também concorda com Ribeiro ao afirmar a tentativa do jornalismo de configurar seu lugar de atuação, de conferir legitimidade a sua profissão, a sua fala tentando se afastar do literário e do político.

*Assim, as reformas dos jornais da década de 1950 devem ser lidas como o momento de construção, pelos próprios profissionais, do marco fundador de um jornalismo que se fazia moderno e permeado por uma neutralidade fundamental para espelhar o mundo. A mítica da objetividade – imposta pelos padrões redacionais e editoriais – é fundamental para dar ao campo lugar autônomo e reconhecido, construindo o jornalismo como a única atividade capaz de decifrar o mundo para o leitor. (BARBOSA, 2007, p.150)*

A autora sublinha que no Rio de Janeiro os jornais que possuíam tiragens menos expressivas em 1950 eram *O Diário Carioca*, a *Tribuna da Imprensa* e o *Jornal do Brasil*, e foram eles que construíram a mítica da modernização e se autointitulam responsáveis por ela.

*O Diário Carioca passaria a história como criador do texto objetivo, respondendo às perguntas fundamentais do leitor através da lide, graças à ação individual de Pompeu de Souza que, tomando contato nos Estados Unidos com o que a imprensa norte-americana fazia na época, trouxera para o Brasil a novação. O Jornal do Brasil, responsável pela segunda revolução da década com as mudanças implementados a partir de 1956, teria realizado sua ampla reforma graças ao gênio e individual de alguns poucos visionários. Da mesma forma, a Tribuna da Imprensa, que, ao lado do Diário Carioca implementaria normas precisas na redação através de manuais a serem seguidos rigorosamente, implanta a inovação graças a determinações emanadas do seu fundador, o político Carlos Lacerda. (BARBOSA, 2007, p.156,157)*

No entanto, a mudança dos jornais na década de 1960 também está ligada a censura política que contribui para retirar de cena segundo Barbosa (2007) um personagem fundamental que caracterizavam os jornais da década anterior, a polêmica. “O Mote da

modernização e da inclusão dos periódicos num tempo de modernidade é, portanto, fundamental para a sua adaptação num cenário de controle e pressões”. (BARBOSA, 2007, p.180)

Ribeiro (2008) expõe que a década de 1950 viveu a euforia da modernização dos jornais ao final dessa década e até 1970, o número de periódico fora reduzido, e o Rio de Janeiro foi o que mais perdeu jornais. Esse processo é resultado do que a autora chama de “reconfiguração do mercado de imprensa”. (RIBEIRO, 2008, p.4,5) “O matiza político e ideológico era um fator importante na construção da identidade dos diários e na segmentação do público leitor. Nos anos 1970, os jornais perderam essa característica”. (RIBEIRO, 2008, p.5)

A autora citada constata que se 1950 houve um crescimento da publicidade nos periódicos brasileiros na década de 1960 esse investimento declinou em decorrência da crise econômica, política e da transferência da publicidade para a televisão. Entre 1960 a 1964 essa redução da publicidade conduz a fechamentos e crises nos jornais. “Os veículos populares e de classe média foram os mais atingidos. Os dirigidos a um público com forte poder aquisitivo conseguiram atrair para si a maioria dos investimentos publicitários”. (RIBEIRO, 2008, p.6)

O *Jornal do Brasil* é um diário matutino que passou por um momento de modernização técnica na década de 1950, trajetória que o insere na fase de maior desenvolvimento do capitalismo até aquele momento no Brasil. Este periódico gozava de grande representatividade no eixo RJ-SP na década de 1960, e abarca públicos definidos como classe média/elite. Nessa época, 90% dos jornais e revistas concentravam-se em São Paulo e no Rio de Janeiro e publicava-se “um exemplar de jornal diário para cada 22 pessoas”. (REGO, 1969)

Na década de 1950, o *JB* em paralelo com o desenvolvimento da imprensa nacional, desencadeia uma reforma, com a morte de Pires do Rio (1950) administrador do jornal e da ascensão do conde Pereira Carneiro (1953). A nova gerência do veículo de informação concentra-se sob o comando da Condessa Pereira Carneiro e de seu genro Manuel Francisco do Nascimento Brito. (WAINER, 1989, p. 151)

Segundo Ferreira (1989) eles decidem investir em “novos equipamentos gráficos, capaz de fornecer ao jornal as condições técnicas necessárias a uma fase de expansão”. (FERREIRA, 1996, p.151) Em 1956 o *Jornal do Brasil* encontra-se em boas condições financeira propiciada pela administração anterior de Pires do Rio. Odilo Costa Filho foi escolhido para coordenar a reforma do periódico, ele compôs uma equipe com jornalistas egressos do *Diário Carioca* e da

*Tribuna da Imprensa*, dentre eles “Jânio de Freitas, Carlos Castello Branco, Carlos Lemos, Wilson Figueiredo, Amílcar de Castro, Hermano Alves, Lucio Neves, Luis Lobo, Ferreira Gullar e José Carlos de Oliveira”. (FERREIRA, 1996, p.152)

As modificações importantes começam em 1957 “com a publicação de uma fotografia na primeira página”. Em 1959 a capa sofre uma mudança completa, passa a ocupar inteiramente o noticiário, com poucos classificados. Em 1960 os classificados passam a compor um caderno separado, o caderno C. (FERREIRA, 1996, p.153-154)

*Em 1961, com a entrada de Alberto Dines, a reformulação do Jornal do Brasil, finalmente se consolidou. Segundo Nascimento Brito foi Alberto Denis – editor do jornal de 1961 a 1973 – quem sistematizou as modificações [...]. Essa reforma fez com que o jornal passasse de fato a ocupar outra posição no seio da imprensa carioca, ganhando nova estatura na formação da opinião política do país e estimulando a reestruturação gráfica dos demais periódicos. (FERREIRA, 1996, p.154)*

Nas atitudes de participação política o periódico preservou sua estrutura original, ou seja, “um órgão ‘católico, liberal-conservador, constitucional e defensor da iniciativa privada”. (FERREIRA, 1996, p.154) Segundo Wainer o *Jornal do Brasil* aumentou muito sua penetração a partir da ditadura. (WAINER, 1989, p. 273)

O *Jornal do Brasil* que assim como a maioria da grande imprensa incentivou o golpe de 1964, posiciona-se a favor do novo regime político, principalmente, com relação à política econômica do governo, porém criticou as ações arbitrárias na política e na sociedade (cassações, tortura etc.).

Os periódicos intuem nesse momento conferir credibilidade ao jornalismo, fato que irá culminar com o discurso que prioriza a função do periódico e do jornalista como portadores da verdade, característica que se estenderá a notícia. Assim quem possui a capacidade de falar e de influenciar, fazem tal exercício visando um público que possui necessidades específicas, e ao angariar o poder simbólico a imprensa pode ditar o sentido das variadas situações e incitar ações.

### **Considerações finais**

O texto, o contexto conjuntural, e próprio periódico, como personagem, retratam uma relação intrínseca que, obrigatoriamente, no processo de pesquisa, precisa ser analisado em concomitância, porque assim, que o historiador, consegue criar os nexos de interdependência que sustentem esse periódico. O que também proporciona questionamentos e críticas entre a série produzida pela fonte com os eventos sociais que se desenvolviam na conjuntura e

comparar as informações. Essa operação, se depara com os problemas como: o distanciamento no tempo e no espaço, o nível de influência das informações do periódico e recepção do leitor, esses são alguns impasses que perduram durante o processo de pesquisa e que apontam para as limitações da fonte.

## Referência

- ABREU, Alzira Abreu de. 1964: *A imprensa ajudou a derrubar o governo Goulart*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. João Goulart entre a memória e a história. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A mídia na transição Democrática brasileira*. Sociologia, problemas e práticas n.º 48, 2005, p 53-65.
- \_\_\_\_\_. *A Modernização da Imprensa (1700-2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- BARBOSA, Marialva. *Meios de Comunicação no Brasil Pós-30 reflexões em torno da historicidade e do papel da imprensa*. UNIrevista, v.1, n. 3, 2006.
- \_\_\_\_\_. *História cultural da imprensa, Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- \_\_\_\_\_. *O reino dos predecessores e dos sucessores*. Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 32, n. 1, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad.: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Difel, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A economia das trocas lingüísticas*. In: ORTZ, Renato (Org), Pierre Bourdieu: Sociologia Trad.: Paula Montero e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. 2. ed. São Paulo: contexto, 1994.
- CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia. *O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal "O Estado de São Paulo"*. São Paulo: Alfa Omega, 1980.
- FERREIRA, Marieta de Moraes: *A reforma do Jornal do Brasil*. In: ABREU et al. *A imprensa em transição*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- KUSHNIR, Beatriz. *Pelo viés da colaboração: a imprensa no pós-1964 sob outro prisma*. Projeto história, São Paulo, n.35, p. 27-38, dez. 2007, p. 27-38.
- LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina. *Imprensa e Cidade*. São Paulo: UNESP, 2006, p.73-116.
- PINSKY, Bessanesi Carla. *Fontes históricas*. 2 ed São Paulo Contexto 2006: In LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. 111,142

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Memória de Jornalista: um estudo sobre o conceito de objetividade*. In: FRANÇA, Vera et al (Orgs.). Livro da XI Compós 2002: estudos de comunicação, Porto Alegre, Ed. Sulina, 2003.

\_\_\_\_\_. *A década das grandes mudanças*. In: OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=438AZL006>>. Acesso em 09 de ago.2012.

\_\_\_\_\_. *Imprensa e mercado no Brasil: de 1945 aos nossos dias*. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES E, JORNALISMO, 6., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_, *Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n. 31, 2003, p. 147-160

RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação*. Trad.: Artur Morão. Edição 70. 1976

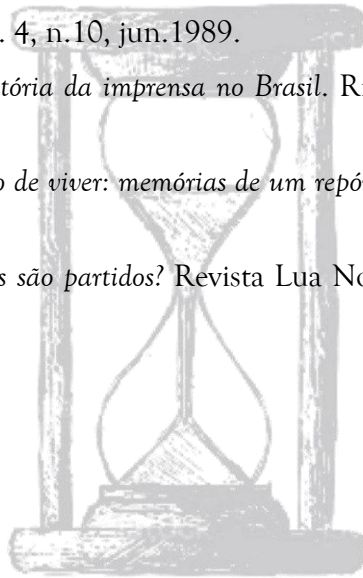
\_\_\_\_\_, *Interpretação e ideologia*. Trad.: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977

SOARES, Gláucio Ary Dillon. *A censura durante o regime autoritário*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 4, n.10, jun.1989.

SODRÊ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1966.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

WERFFORT, Francisco. *Jornais são partidos?* Revista Lua Nova. v.1, n.2, São Paulo Brasiliense, 1984



OS SENTIDOS DA COMEMORAÇÃO: MEMÓRIA, CULTURA, HISTORIOGRAFIA